

pequena polly:
a colecionadora de
memórias



máthalia batista bastos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS BACHARELADO

NATHÁLIA BATISTA BASTOS

pequena polly: a colecionadora de memórias

GOIÂNIA
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Nathália Batista Bastos**

Título do trabalho: **Pequena Polly: a colecionadora de memórias**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 26/01/2024, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nathália Batista Bastos, Discente**, em 26/01/2024, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Nathália Batista Bastos

**PEQUENA POLLY:
A COLECIONADORA DE MEMÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
Coorientadora: M.^a Bruna Mazzotti Quintanilha

Goiânia
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bastos, Nathália Batista
Pequena Polly: a colecionadora de memórias [manuscrito] /
Nathália Batista Bastos. - 2024.
60 f.

Orientador: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues; co
orientadora Bruna Mazzotti Quintanilha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, , Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Autobiografia. 2. Memória. 3. Coleção. 4. Infância. 5. Escola Infantil
Pollyanna. I. Rodrigues, Manoela dos Anjos Afonso, orient. II. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 23 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 8h no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Pequena Polly: a colecionadora de memórias**, de autoria de **Nathália Batista Bastos**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG), com a participação da coorientadora Profa. Me. Bruna Mazzotti Quintanilha (PPGACV/FAV/UFG) e dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG) e Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira (EMAC/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues**, **Professor do Magistério Superior**, em 23/01/2024, às 14:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 23/01/2024, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Fernandes De Oliveira**, **Professor do Magistério Superior**, em 23/01/2024, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Mazzotti Quintanilha**, **Usuário Externo**, em 29/01/2024, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4327477** e o código CRC **38AB38EA**.

Nathália Batista Bastos

**PEQUENA POLLY:
A COLECIONADORA DE MEMÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido e aprovado publicamente em 23 de janeiro de 2024, pela banca examinadora:

Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
Orientadora (FAV/UFG)

Profa. Me. Bruna Mazzotti Quintanilha
Coorientadora (PPGACV/FAV/UFG)

Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira
Convidado (EMAC/UFG)

Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva
Convidado (FAV/UFG)

RESUMO

Estás prestes a adentrar no fabuloso universo de uma adulta que recusa o fim da infância. Estes escritos são notas de uma artista agarrando-se em lembranças e fabulações da vida, convertidas numa pesquisa autobiográfica que intersecciona colecionismo e memórias de um lugar que deixou de existir fisicamente: a Escola Infantil Pollyanna. O baú velho e empoeirado foi revirado e objetos guardados há tempos, acompanhados de relatos de vida, constroem uma coleção de memórias para impulsionar estratégias artísticas de presentificar esse lugar incorporando materialidades e imaterialidades ligadas à Pollyanna aos processos de criação, possibilitando a resolução do mistério: quem é a pequena Polly?

Palavras-chave: autobiografia; memória; coleção; infância; Escola Infantil Pollyanna.

ABSTRACT

You are about to enter the fabulous universe of an adult who refuses to embrace the end of her childhood. These are notes from an artist clinging into memories and fables of a life, transformed into an autobiographical research that matches collecting habits and memories of a place whose no longer exists physically: Escola Infantil Pollyanna. The old and dirty chest has been opened, and things stored long ago, along with life stories, buyid a collection of memories that inspire artistic strategies to bring this place into the present by incorporating material and immaterial elements linked to Pollyanna into the creative processes. Enabling the resolution of the mystery: who is little Polly?

Keywords: autobiography; memory; collection; childhood; Escola Infantil Pollyanna.

AGRADECIMENTOS

À minha tia Fabiana, por considerar a minha entrada no curso de artes o melhor presente que eu poderia lhe ter dado;

À minha mãe, pelas palavras de incentivo, pelo carinho, cuidado e abraços reconfortantes nos momentos de choro;

Ao meu pai, por aceitar minhas presepadas e projetos malucos;

Ao meu irmão, por dizer a todos na escolinha que ele tem uma irmã artista;

À minha irmã de coração, pela amizade de uma vida inteira e por nunca desistir de nós.

À professora Kélem, por me apoiar na difícil decisão de deixar a matemática para trilhar um novo caminho nas artes;

Aos amigos e amigas que escutaram incansavelmente sobre a Pollyanna ao longo de todo esse tempo;

À Manoela, por me mostrar a relevância do meu fazer artístico;

Ao meu marido por ser meu maior entusiasta.

À pequena Polly, obrigada por tudo!

LISTA DE IMAGENS*

*As imagens apresentadas neste trabalho são de autoria própria, exceto aquelas em que a autoria é indicada.

Figura 1. Anotações em diário, 2022	17	Figura 11. Professor Múcio, [s.d.]	29
Figura 2. Entomofobia, 2023	18	Figura 12. De qualquer lugar, 2019	33
Figura 3. Sem título, 2023	18	Figura 13. Gostinho de infância, 2022	33
Figura 4. Natureza morta, 2023	20	Figura 14. Famosos desconhecidos, 2019	37
Figura 5. Linha do tempo: aprovação CEP, 2023	22	Figura 15. Comentários em rede social, 2019	38
Figura 6. Meu papai é um herói, 2002	25	Figura 16. Festinha de aniversário de 4 anos, 2002	39
Figura 7. Caça aos ovos de páscoa, 2002	26	Figura 17. Pollyanna em revista, 2000/03	42
Figura 8. Primeira aula de artes, 2000	27	Figura 18. Lanchinho na cantina após apresentação, 2004	43
Figura 9. Apresentação da formatura da alfabetização, 2004	27	Figura 19. Para onde você foi? 2024	51
Figura 10. Eu, titia e a cantina, 2003	28	Figura 20. Registro do encontro do NuPAA, 2023	52

Sumário

INTRODUÇÃO	13
VELHA INFÂNCIA	16
1.1. a-de-doonha: cep	21
1.2. irmãs batista	24
SOUVENIRS: ACHADOS E PERDIDOS	32
2.1. cápsula do tempo	40
CARTA ABERTA À POLLYANNA	48
PARA ONDE VOCÊ FOI?	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	55

para aqueles que, assim como eu, vivem pela música :)



INTRODUÇÃO

“Você sabe dar cambalhota? Sabe? Mas assim que entende que está vivo, também entende que um dia vai morrer. Mas não fica pensando nisso o tempo todo. Você pode esquecer tudo a sua volta” – Cem: o que aprendemos na vida, Heike Faller¹.

Não sei quando comecei a alimentar uma caixa velha de papelão, cheia de bolinhas rosas pintadas, com as mais diversas coisas: postais de viagens não realizadas, origamis, ingressos de cinema apagados, fotos 3x4 de todas as idades etc. Esse reservatório de memória assemelha-se às *Time capsules*, de Andy Warhol (1928 – 1987), uma coleção, com duração de treze anos, com mais de 600 caixas de papelão contendo objetos cotidianos inusitados. Registro de memória e existência. O trabalho descrito adiante parte desse mesmo princípio, o acúmulo de vestígios da infância. Aqui constam os meus tesouros mais preciosos, ocultos no final do arco-íris e protegidos não por um duende, mas pelo espectro de algo, e alguém, que permanece no passado. O pequeno baú de madeira guarda *souvenirs* dos anos 2000, época de minha infância, revisitados nos momentos de tristeza da vida adulta – mais frequentes do que eu gostaria de admitir.

De 2000 até 2004 pouco lembro das casas que morei, dos temas de aniversários, das vezes que abracei meu avô e das primeiras palavras lidas. No entanto, recordo-me com uma riqueza de detalhes notável dos trajetos percorridos pelo centro da cidade, dos livros favoritos da biblioteca, do aroma do verão ao mergulhar nas piscinas e de cada ambiente que compunha meu objeto de fascínio: a Escola Infantil Pollyanna. Encanto, fixação, obsessão, hiperfoco... todos esses substantivos para expressar que a perda da Pollyanna não foi superada, e eu a carrego comigo para todos os lugares, inclusive na arte.

Parto de muitas instâncias para resgatar a presença da Pollyanna, e acabo criando – ou descobrindo – a pequena Polly. Mas, quem é a pequena Polly? Antes de responder a essa pergunta, regresso a trabalhos artísticos antigos e crio novos para

¹ Citação retirada do livro *Cem: o que aprendemos na vida* de Heike Faller e ilustração de Valerio Vidali. 2019, p. 10.

compreender os processos de criação que a envolvem. Incorporo escritos de diários, entrevistas, carta e pesquisa em arquivos, pessoais e de terceiros, para elucidar o caráter autobiográfico desta pesquisa. Revisito os resquícios desse lugar que perambulam minha cabeça, através de lembranças adormecidas, álbuns de fotografias da família, momentos e objetos guardados, e recrio esse espaço que hoje só existe em pensamentos. Imaterialidade e materialidade flertam ao construir uma coleção relacionada à escola, motivando uma breve investigação sobre a prática colecionista ligada à memória e narrativas de vida no fazer artístico contemporâneo.

“Eu preciso contar para ela que ela não existe mais²” e o que sobrou foram sonhos, devaneios, nós e a pequena Polly.

² Trecho de um poema autoral, escrito em 2022, sobre a frustração da infância que não volta mais.

13

SALA
14

GI



VELHA INFÂNCIA

Goiânia, meados de 2001, casa > escola.

Às cinco da manhã o despertador tocava no quarto dos meus pais – tão alto que parecia estar tocando do meu lado. Não levantava de imediato, esperava pelo chamado “Filha, vamos!” logo em seguida da porta ser aberta e da luz me abraçar – tinha medo do escuro, era um segredo. O chão estava tão frio que não conseguia ficar descalça. Saía do banheiro às pressas para vestir o uniforme branco e azul, uma meia de bichinhos e o sapatinho de plástico – quando chovia a galocha roxa da Barbie e a capa de chuva do Piu-piu me protegiam da água. Mamãe sempre arrumava o meu cabelo e eu amava, mas não podia reclamar da escova que puxava os fios e doía a cabeça. Despedíamos da Pantera, Malhada e da Pretinha, nossas cachorras, e partíamos por um caminho longo com subidas e descidas de ônibus, ruas com vitrines excêntricas – como aquela com esqueletos fantasiados – e pelos resquícios da decoração de natal nas praças. Nossos dias eram sempre assim, desde que me entendia por gente.

A todo momento somos inundados com resquícios do que um dia foi o nosso presente, não importa o intervalo de tempo. A saudade de acordar às 4:00 com o cheirinho de café feito pelo vovô ou de sentar ao lado da amiga no ônibus de passeio da escola preenchem, momentaneamente, os vazios das memórias esquecidas. A primeira infância contém muitos desses vazios que tentam ser completados em conversas calorosas no almoço de domingo com a família e amigos, folheando álbuns de fotografias guardados em caixas dentro de armários, lampejos de nostalgia condicionados por alguma música ou cheiro, ou em sonhos surreais que “Freud explicaria”³. Reconstrução e criação. Fabulações também ocupam espaços nesses vazios, o desprendimento da realidade atrai a consciência para lugares fictícios e quando percebidas, alguém afirma: “Isso nunca aconteceu de verdade, você deve ter sonhado!”.

Sabe aquela sensação estranha que nos atravessa ao retornarmos a algum lugar que visitamos quando criança e percebemos que não era exatamente do jeito que lembramos? Inventamos um lugar melhor e maior ou ele sempre foi assim e nós

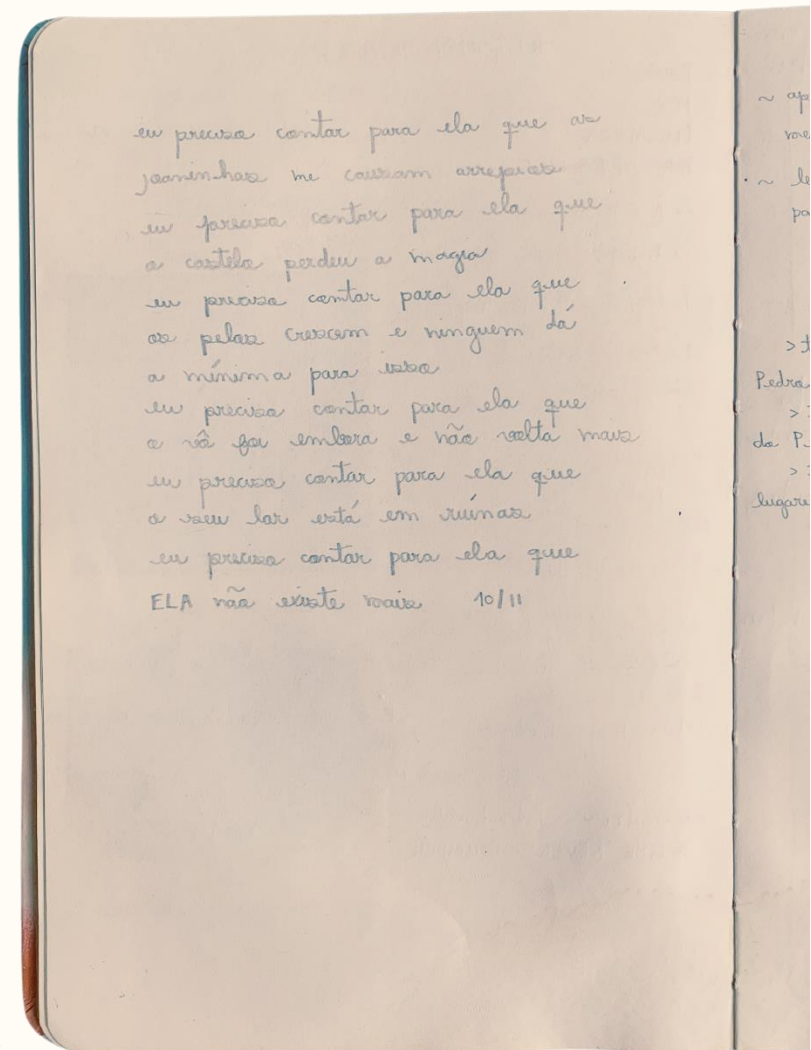
³ Piada interna entre mim e minha mãe, formada em pedagogia.

perdemos o encanto por ele? Tais questionamentos e sensação permaneceram comigo desde o dia, há sete anos, que revisitei o lugar mais presente na minha infância e lembranças: Escola Infantil Pollyanna, localizada em Goiânia⁴. A escola não funcionava desde 2007, e em 2016, numa visita planejada, descobri que seu território estava arrasado por um estacionamento, apesar de ainda conter partes da estrutura intacta. Hoje, em 2023, uma notícia deixou-me entristecida: dois arranha-céus destruíram qualquer resquício de sua existência. Inevitavelmente me senti uma criancinha devastada ao ver que meu castelinho de areia foi derrubado (figura 1). Minha relação com a escola não era somente de aluna, como para as outras crianças, aquele lugar não era apenas uma escola, era uma segunda casa. O lugar que, dos dois aos sete anos, frequentava diariamente, durante o dia inteiro. Fazia chuva ou fazia sol minha mãe, tia e eu estávamos lá: trabalhando, estudando e vivendo.

“O que desaparece, e o que resiste” (DANZIGER, 2004).

Pollyanna foi embora e só restou a pequena Polly, nas lembranças saudosas, em histórias de vida, nas fotografias revisitadas, em memórias que perduram e nos objetos guardados.

Durante a primeira infância, morei na asa norte, em um bloco de frente para um descampado sem fim. Naquela época me parecia impossível atravessar até o próximo prédio, era tudo distante demais. Esse primeiro endereço, SQN 210, nome tão sintético quanto Brasília pode parecer, guarda minhas primeiras memórias, tão orgânicas e bem conservadas pelas fotografias feitas por minha mãe. Cuidadosa em registrar nossos



⁴ Para fins de curiosidade, o endereço da escola era: rua 9, 1250, Setor Oeste, Goiânia.

Figura 1. Anotações em diário, 2022. Fonte: acervo da artista.

primeiros anos, herdei uma coleção de memórias criadas por ela e o privilégio de acessá-la incontáveis vezes ao longo da minha vida. Lembrança e imagem se misturam e a memória é criada em conjunto. A fotografia tirada por ela é o que ficou guardado? Voltei poucas vezes ao meu primeiro endereço, retornei infinitas vezes para os álbuns de família (FREITAS, 2017, p. 38).

Em busca de redesenhar essas memórias, iniciei algumas operações nessa façanha artística. A primeira delas tornou-se consciente durante a realização da pesquisa, mas manifesta-se desde o início da graduação. A infância abraça grande parte de minhas produções artísticas, e recentemente trouxe fragmentos das lembranças que transbordam frequentemente sobre esse período para estas práticas. Inicialmente dediquei-me à criação da minha própria coleção de objetos artísticos para presentificar esse lugar incorporando materialidades e imaterialidades ligadas à escola, realizadas durante o semestre 2023/1. *Entomofobia* (figura 2) e *Sem título* (figura 3) foram produzidas durante a disciplina de Pintura II (FAV0467), ministrada pelo prof. Dr. Juan Sebastian Ospina Alvarez, buscando externar dois momentos inesquecíveis de infância na escola: a caça às joaninhas no pátio e o tapete de flores amarelas que cobria todo o parquinho.

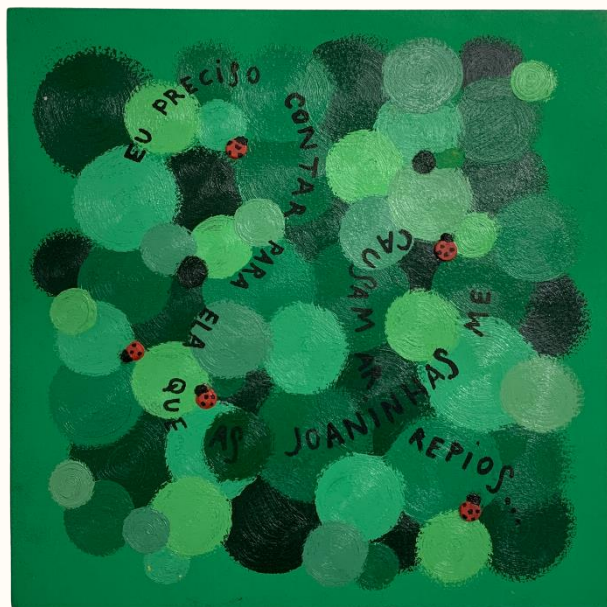


Figura 2. *Entomofobia*, 2023.
Tinta acrílica e caneta posca
sobre MDF. 24 x 24 cm. Fonte:
acervo da artista.



Figura 3. *Sem título*, 2023. Tinta
acrílica e massa de modelagem
sobre MDF. 24 x 24 cm. Fonte:
acervo da artista.

Num encontro do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq) fomos instigados a descrever como seria a nossa paisagem interna. De imediato a imagem projetada na minha mente foi o jardim da Escola Infantil Pollyanna e instantaneamente as palavras foram gravadas no caderno – e novamente as flores amarelas se fizeram presentes. *Paisagem Morta* (figura 4) baseia-se no texto escrito e compõe a coleção da pequena Polly.

Uma inesgotável fonte poética. Hellens escreve que “a infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos... Ai de quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorvê-la em si mesmo, como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: está morto desde que ela o deixou” (HELLENS, [s.d.], p. 146 apud BACHELARD, 1988, p. 130).

O trabalho artístico investigativo de resgatar as lembranças da primeira infância e incorporá-las em obras de arte estava em andamento quando percebi que, em alguns momentos, a ação de recordar estava sendo realizada de forma colaborativa. Quase como uma tradição familiar, eu, minha mãe e minha tia contamos uma memória resgatada dos tempos da Pollyanna eventualmente em nossos encontros, vestígios que perambulam nossas mentes. Concluí que essa ação coletiva não deveria ser ignorada no âmbito da pesquisa e optei por incorporá-la por meio de entrevistas.

Figura 4. *Natureza morta*, 2023. Montagem de colagens em camadas de acetato. 10 x 10 cm. Fonte: acervo da artista.



05 jun. 23

Um enorme campo de grama verdinha e recém molhada. O sol ilumina todas as partes, mas sem queimar os olhos. Como chuva, as florzinhas amarelinhas caem das árvores gigantes e forram todo o verde. Encho as mãos com as florzinhas e guardo nos bolsos da capa de chuva do Piu-Piu. Corro durante vários minutos entre os troncos das árvores procurando as minhas amigas joaninhas para colocá-las em suas casinhas. Vovô, me perdoe, mas eu não sabia que eram casinhas de pássaros. A caçadora virou exterminadora. Vovô, me perdoe, tentei por muito tempo amar aquilo que você tanto amou, mas a terra me lembra muito o senhor e cada planta que matei faz eu me lembrar do quanto te amei e nunca pude dizer, nem mesmo em sonho.

A-DE-DOONHA: CEP

Tão temido quanto o trabalho de conclusão de curso (TCC) é o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFG). Não pela complexidade e burocracia, mas pela desinformação, como o bicho-papão que se esconde debaixo da cama, mas ninguém tem coragem de olhar para ver se ele realmente está lá. A submissão da minha pesquisa ao CEP manifestou-se nos primeiros rascunhos do projeto rabiscados com grafite em papel pólen e confirmou-se na versão final do pré-projeto desenvolvido na disciplina Pesquisa em Artes Visuais (FAV0666), ministrada pela prof.^a Dra. Ana Lúcia Beck.

[...] entrevistar (sem filmagem e gravação de voz) ex-alunos e ex-funcionários para coletar relatos, histórias, lembranças, fotografias e vídeos, além das minhas próprias recordações daquela época.⁵

Confesso que essa confirmação não foi aceita de imediato. Durante várias orientações com a prof.^a Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues uma grande relutância dominava nossas conversas. “*E se eu criar personagens fictícios para estas pessoas?*”. “*E se for anônimo?*”. “*E se eu não as entrevistar?*”. “*Tudo bem, eu me rendo ao CEP!*”. As histórias de vida, as fotografias da família e os objetos esquecidos da pequena Polly formavam o esqueleto do corpo da pesquisa, sem nenhuma delas ficaria incompleta. Curvei o corpo sobre a cama e olhei para a escuridão debaixo dela.

8 de junho de 2023 – dia que o frenesi começou (figura 5).

⁵ Trecho retirado da metodologia do pré-projeto desenvolvido por mim, em fevereiro/2023.

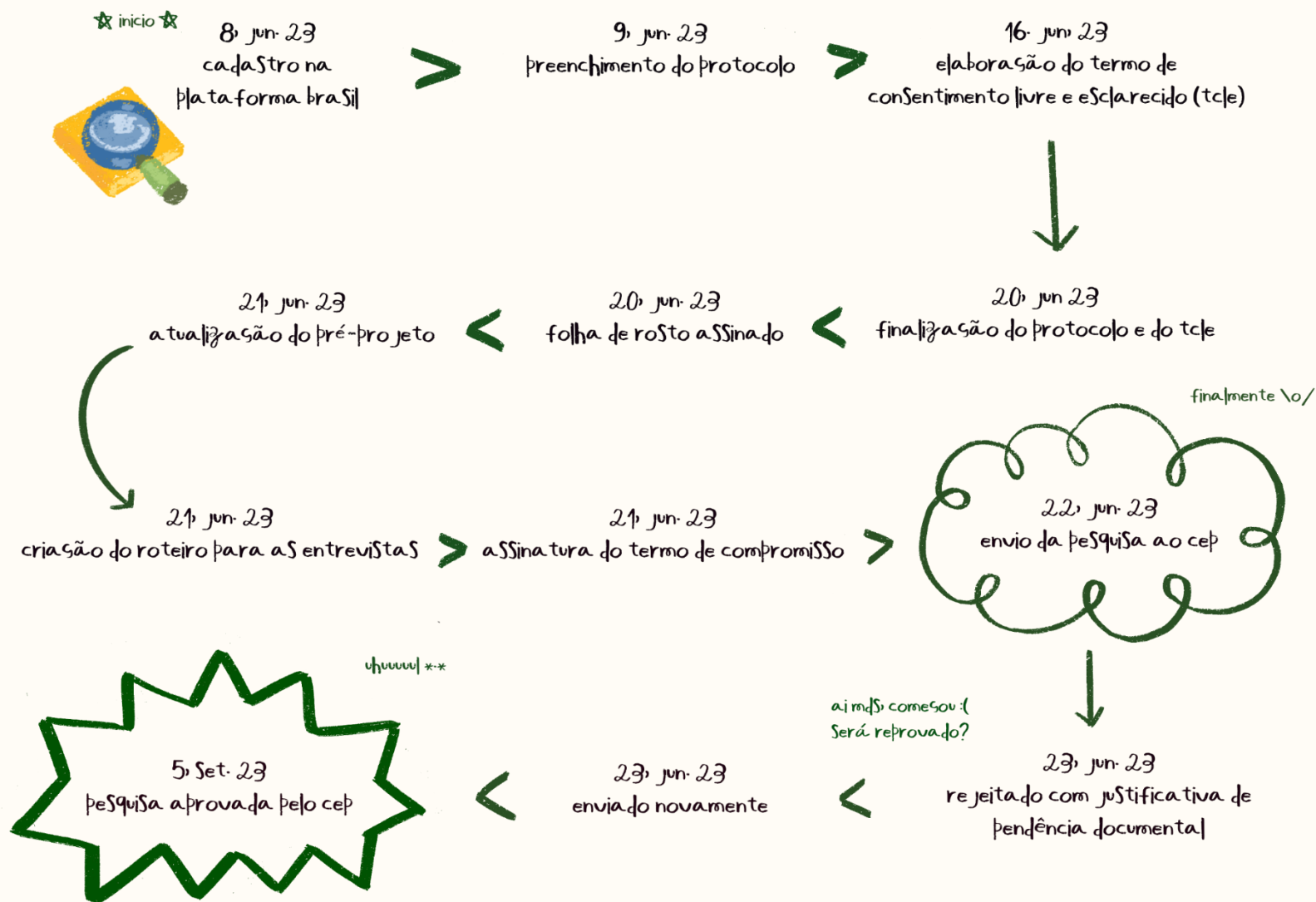


Figura 5. Linha do tempo: aprovação CEP, 2023.

“Situação do projeto: aprovado”. Aprovado. Uma simples palavra foi capaz de desencadear inúmeras sensações. **Alívio** pela aprovação ter acontecido na primeira tentativa. **Agradecida** pelo auxílio e dedicação da minha orientadora durante esse processo. **Reconhecimento**. Mesmo tendo ciência que o comitê foi “criado para proteger o bem estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes” (CEP/UFG, 2021), a mensagem recebida foi: a sua pesquisa tem relevância artística. Durante quase todo período da graduação o sentimento de insignificância devorava o entusiasmo do fazer artístico. Cada etapa efetuada para a conclusão dessa pesquisa espantou falas desmerecedoras que assombravam a confiança na minha produção e refutou:

[...] críticas apressadas que desmereçam a relevância acadêmica e artística das práticas e escritas de si, rotulando-as como irrelevantes, monológicas e/ou narcísicas. [...] a abordagem autobiográfica, quando conectada à pesquisa em arte, tem despertado o senso crítico de estudantes-artistas-pesquisadoras/es sobre si e sobre si no mundo, abrindo espaços de fala e escuta revigorantes, bem como apontando caminhos para uma produção intelectual e artística atual e transformadora (RODRIGUES, 2021, p. 109).

Destaco que a coleta das histórias de vida das pessoas que foram atravessadas pela Escola Infantil Pollyana passa “a produzir não só dados de pesquisa, mas também materiais e relações sociais que passam a interferir e integrar os próprios trabalhos artísticos produzidos” (RODRIGUES, 2021, p. 104).

Inicialmente, essa coleta aconteceria com ex-alunas/os e ex-funcionárias, mas devido ao curto tempo para desenvolvimento da pesquisa, priorizei a participação das duas mulheres que tornaram possível para a pequena Nathália os inesquecíveis quatro anos mais fantásticos da infância: mamãe Cristina e titia Fabiana.

[...] sempre trilhando o caminho da minha irmã, ela na frente e eu atrás. Ela abrindo os caminhos para que eu passasse. [...] Não sei se coincidência, mas estou sempre seguindo seus passos⁶. (Fabiana, 2023)

Conversas cotidianas em família embebedam qualquer um com saudosismo e nostalgia. “*Antigamente as coisas eram melhores!*” – dizia a vovó assistindo o programa Chumbo Grosso⁷ durante o almoço. Mas, na família Batista, além das inúmeras vezes que uma mesma história era contada, um assunto sempre era recordado: “*Lembra que na Pollyanna...*”. Do maternal à alfabetização havia um elo entre mim e a escola construído e fortalecido por duas mulheres ilustres: Cristina (mãe) e Fabiana (tia), ambas ex-funcionárias da escola.

Cristina, com 20 anos, encontrou num anúncio de jornal uma oportunidade de emprego. Motivada pelo salário que “*ultrapassava os salários que já havia recebido*” (Cristina, 2023) ficou na atividade de limpeza durante um ano. Após descobrir sua gravidez, indicou sua irmã Fabiana, com 18 anos, para cobri-la no período de licença maternidade. Seu retorno era incerto, pois

[...] a regra era: quando a gestante voltava (da licença) ele⁸ mandava embora, porque a funcionária estava quatro meses fora da escola e ele não queria dispensar a pessoa que estava trabalhando. [...] ninguém ficava, nem professora. Quando sua mãe voltou, ~~Almami~~ estava de licença. Ai sua mãe foi para o lugar da ~~Nathalia~~ na cantina e eu permaneci na limpeza. ~~Almami~~ voltou, eles permaneceram com a sua mãe e mandou ~~Nathalia~~ embora (Fabiana, 2023).

Da limpeza para a cantina. Da cantina para a portaria. Três cargos diferentes, o mesmo caminho para as duas.

Enquanto isso a pequena Nathália, de 2 anos, passava seus dias deslumbrada com a quantidade absurda de madeira dentro da casinha, o ateliê do papai, e em como todas elas se transformavam em peças únicas e belíssimas através das grandes

⁶ Fragmento retirado da entrevista gravada com minha mãe e tia. Fonte: arquivo pessoal.

⁷ Programa de TV aberta com reportagens absurdamente explícitas de violência, apresentado pelo jornalista Batista Pereira.

⁸ Professor Múcio de Melo Álvares, fundador do Instituto Araguaia e da Escola Infantil Pollyanna.

mãos dele. O gosto de cada madeira também a fascinava, a distração perfeita enquanto ele criava suas artes. Mas, o novo emprego como açougueiro interrompeu esses momentos pai e filha. Aos cuidados da avó e das mães crecheiras, “*teve uma época que eu pedi a vaga pro dono da escola e ele cedeu. Ela começou a estudar lá com 2 anos e meio, no maternal. [...] A idade era tão baixa que precisou fazer o maternal de novo, duas vezes. [...] eu não pagava nada. Era totalmente gratuito. [...] Outra barreira que a gente quebrou, era proibido levar filho para a escola.*” (Cristina, 2023) (figura 6).



Figura 6. Meu papai é um herói, 2002. Fonte: arquivo de família.

Meados de 2000 – conhecendo a Pollyanna.

Na esquina uma pracinha com poucos bancos e um *pitdog* que servia o creme de morango mais gostoso, do lado esquerdo e direito galerias com lojas que mudavam a cada dois meses, na frente uma loja de roupa infantil com desenho de catavento por todos os lados – gostava de entrar lá para pegar balinhas e balão. E no centro estava ela: fachada curvilínea amarela e azul; cantinho da leitura e bancos de madeira espalhados pela recepção; “*muitos brinquedos, livros, bastante livros literários sempre à disposição das crianças, parquinhos*” (Fabiana, 2023) forrados de florezinhas amarelas que pareciam pipoquinhas coloridas – o pátio era coberto por árvores gigantescas e todo outono acontecia o espetáculo da chuva de flores; duas piscinas com vestiários assombrados; salas e quartinhos secretos; uma ponte suspensa de madeira que dava acesso a uma sala recheada de fantasias; uma pintura gigantesca do *Abaporu* (1928) ao lado da sala de artes “*maravilhosa, tudo quanto é material que existisse na face da terra de arte tinha lá dentro*” (Cristina, 2023); e um auditório com “*uma tv bem grande mesmo que eu jamais tinha visto na minha vida, nunca imaginei que existisse naquele momento uma tv tão grande. E elas (as crianças) tinham acesso a essa tv, parecia um cinema*” (Fabiana, 2023).



→ hall de entrada da escola

eu com 4 anos

→ essa é a ~~Nathália~~ minha amiga de infância

exaustas depois da caça aos ovos de páscoa

Figura 7. Caça aos ovos de páscoa, 2002. Fonte: arquivo de família.

F: {indignação} Uai, a ~~Nathália~~ era proibida de sair de dentro da casa durante o período de aula, não podia andar. Quando a Nathália foi para lá ficava as duas gritando pela escola {risadas curtas e controladas}.

N: Quando nós víamos o professor Múcio saíamos correndo, escondíamos dele.

F: E ele nunca importou, nunca falou nada, então nós viemos para mudar mesmo, para quebrar barreiras.

C: Eu não tenho vontade de voltar, eu gosto de lembrar do jeito que era, porque eu acho que vai apagar a minha memória, quebrar um pouco da magia, da lembrança. Esses dias o Zezinho passou na porta [...] e eu nem olhei para lá, porque eu não gosto, gosto de lembrar do jeito que ela era, e eu lembro de tudo: {tom de voz nostálgico} daquela quadra do fundo, dos momentos que a gente tinha lá, da piscina, da sala de arte, daquela escada que subia e fazia um barulhão lá em cima, daquela ponte que tinha lá, aquela ponte de madeira.

apelido do meu pai na família

F: {gargalhada desenfreada de todas} Nathália com a ~~ma~~ *ahhh*: bah bah bah bah bah {encenação: barulho dos passos indo pela ponte de madeira}, bah bah bah bah bah {encenação: barulho dos passos voltando pela ponte de madeira}.

N: É que lá em cima tinha uma sala de fantasia. A gente queria entrar lá, mas vivia fechada.

C: Sala de fantasia, da sala do retroprojeter, aquela sala bonita lá em cima cheia de brinquedos pedagógicos. [...] Aí tinha o auditório, aquele auditório maravilhoso.

primeira aula de artes, 2000



Figura 8. Primeira aula de artes, 2000. Fonte: arquivo de família.

apresentação no auditório, 2004



Figura 9. Apresentação da formatura da alfabetização, 2004. Fonte: arquivo de família.

a tv tão grande

cantina; eu tinha paSSe livre
para comer o que quiseR :)



F: A cozinha era o ponto de encontro. Dentro da cozinha eram feitas as reuniões extras dos funcionários, então reuníamos ali para tomar café, para almoçar e para esconder do professor Múcio {gargalhadas}. Tudo que a gente ia fazer era dentro da cozinha, porque era um lugar que ele não ia, um lugar seguro, ele não entrava lá.

C: Acho que ele nunca botou a cara naquela cozinha.

F: {exaltação} Uma vez! E aí ele queria entrar, porque ele queria a ~~minha~~ e ela tava lá dentro. Ele ficou chamando ela do lado de fora, ela não foi e aí a ~~minha~~ escondeu detrás da porta {gargalhada histérica das participantes} e ele tentando abrir a porta assim {intensidade das gargalhadas aumentando e encenação: pessoa tentando abrir uma porta com algo impedindo atrás}. E ele pegou e fez bem assim ó {gargalhadas fora do controle e encenação: pessoa com a cara enfiada pela fresta da porta semi aberta olhando o que está atrás} detrás da porta com a ~~minha~~ bem assim {encenação: pessoa se escondendo}. A cozinha ficou pequena. E eu sentada bem no trono de frente para a porta, eu pensei: "meu Deus do céu, e agora?" E eu ia correr?! Que jeito, o véi na porta, não tinha jeito de correr. E a cozinha assim ó, lotada {gesticulação com as mãos simulando lotação}. A ~~minha~~ pegou e saiu com ele. Ainda bem que ele não mexeu com a gente. Aí no outro dia eu pensei: "Isso vai ser pauta de reunião!", mas não chamou não.

Figura 10. Eu, tia e a cantina, 2003.

Fonte: arquivo de família.

F: Nem lembro quando foi que fechou. Eu fiquei até fechar. Eu me lembro que estávamos de férias {pausa longa}, aí {outra pausa longa, emotiva} foi quando ele faleceu. A ~~uma~~ ligou avisando, já no final do ano. No ano seguinte não abriu mais {tom de voz diminuído}.

C: Ele morreu dentro da escola, né Fabia?

F: Não, tava naquela casa do segredo {clima de mistério contagiou a conversa}.

C: Achei que era naquele quarto do segredo. Cê nunca entrou naquele quarto, Fabia? {pergunta carregada de curiosidade} O quarto da sala de arte? Aquele quarto que vivia fechado?

F: Não!

C: Ninguém nunca entrou nesse quarto.

F: Mas, só ele que tinha a chave daquele quarto.

C: Então, eu achei que ele tinha morrido dentro daquele quarto.

F: Não. Ele entrava lá só final de semana, ele nunca entrou lá dia de semana. Dia de semana ele nem ia lá para baixo.

N: E o que tinha naquele quarto?

C: Ninguém sabe, ninguém nunca entrou lá, nós sabíamos que tinha o quarto e que ele andava por lá.

F: Mas, ninguém sabe o que tinha lá, nem ~~João~~ que limpava aquela parte de baixo, ninguém tinha acesso ao quarto. A gente só via as portas fechadas.

a única foto dele
disponibilizada na internet :(



Figura 11. Professor Múcio, [s.d.]. Fonte:
Luzes do Consolador, 2014.

Aqui chamo atenção para alguns aspectos pertinentes sobre o momento da entrevista. Primeiramente destaco uma coincidência: o ambiente onde aconteceu a entrevista – cozinha da casa de mamãe – era o ambiente preferido da minha tia – cozinha da escola. A aura daquele momento assemelhava-se ao finzinho de tarde na casa da avó, depois daquele bolo de fubá e de uma xícara de café quentinho, sentadas à mesa escutando atentamente cada história, como se fosse a primeira vez, tornando-se inevitável a sensação de pertencimento àquela parte do tempo que não existe mais. Esses 42 minutos e 41 segundos de rememoração coletiva resultou em mais elementos enriquecedores para a minha coleção de memórias da pequena Polly que transborda lembranças e histórias de um lugar que hoje só existe em objetos esquecidos e falas compartilhadas e que, portanto, contam também a minha história e a história de membros da minha família:

Acreditamos que todo processo autobiográfico não diz respeito apenas ao universo individual daquela que passa a investigar sua própria história, mas como a autobiografia é um processo relacional por natureza – pois ao contarmos a nossa história contamos a história daqueles que fazem parte de nossas vidas – esperamos que este trabalho contribua para pesquisas futuras que busquem o entrelaçamento das pesquisas em artes visuais e as narrativas de vida. (PAIVA; PELES, 2017, p.58 apud RODRIGUES, 2021, p. 114).

A dimensão plural do falar de si e incluindo a história oral a processos de pesquisa autobiográfica em arte “é um ato político à medida que evoca outras posicionalidades, convoca ao diálogo, abre-se à escuta de vozes que se relacionam diferentemente com os temas e experiências recortadas pelos processos de pesquisa” (RODRIGUES, 2021, p. 102).

Corporizar uma memória coletiva a fim de eternizá-la e, talvez, livrá-la do esquecimento.



POLLYANNA

e. Para a menina, os galhos pareciam braços e
vite. Pollyanna deu uma gargalhada de sat

de janela e saltou para o galho mais



Para homenagem
da Escola Pollyanna
para uma apresentação
acontecerá dia 10/05
às 10:45h para o teatro
16:50h para o teatro

Agradecemos

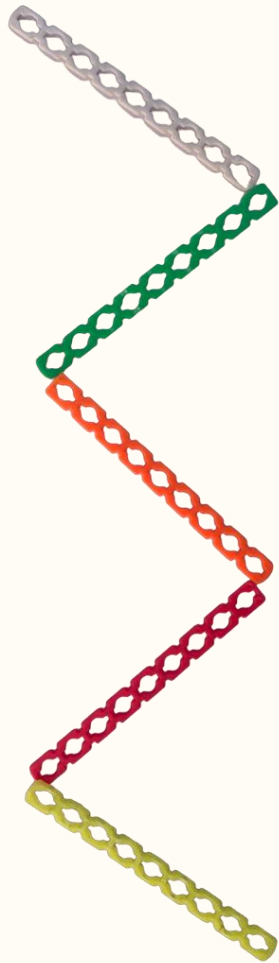


SOUVENIRS: ACHADOS E PERDIDOS

“Roube qualquer coisa que ressoe em você, que inspire ou abasteça sua imaginação. Devore filmes antigos, filmes novos, música, livros, pinturas, fotografias, poemas, sonhos, conversas aleatórias, arquitetura, pontes, sinais de rua, árvores, nuvens, bacias hidrográficas, luz e sombras. Para roubar, selecione apenas coisas que falam diretamente à sua alma. Se você fizer, seu trabalho (e furto) será autêntico” (JARMUSCH, apud KLEON, 2013, p. 22).

Colecionar. Um gesto hereditário, o legado do meu pai. O olhar aguçado e criativo do velhote me contaminou e essa herança carrego comigo desde criança. Em tudo eu via uma possibilidade de apropriação e transformação, o que não serviu para o outro iria servir para mim ou para meu mentor. Andava nas ruas com a mão direita colada em minha mãe e a mão esquerda livre, sempre olhando pra baixo à procura de algo caído no chão que contribuísse na produção de algo belíssimo. A maioria dos meus achados eram pregos, parafusos, porcas e algumas miniaturas esquecidas por outras crianças. Essa atitude, que dura até hoje, desencadeou uma sucessão de coleções extraordinárias: figurinhas, papéis de carta, folhas de cadernos e fichários, pôsteres retirados de revistas *teens*, embalagens de doces, latas de biscoitos, garrafas de bebidas, cartas e recadinhos endereçadas a mim, imãs, chaveiros e *souvenirs* de viagens – todas incentivadas e com contribuições do papai.

Em 2019 comecei a pensar na viabilidade de inserir minhas coleções nas práticas artísticas e numa aula de Introdução ao Tridimensional (FAV0341), ministrada pela prof.^a Dr.^a Eliane Maria Chaud, três coleções foram propostas para essa operação: conchinhas coletadas em viagens de família a praia, selos retirados de pacotes com peças de bicicletas antigas recebidos pelo meu pai – coleção própria dele, e os 113 palitos de picolé Frutilly⁹, o picolé que vira brinquedo – um dos meus preferidos na infância. Brincando com a materialidade, *De qualquer lugar* (figura 12) estabelece uma relação entre linhas e cores, visível nas formas geométricas proporcionadas pela composição e no caráter pitoresco. Anos depois os



⁹ Atualmente a coleção contém 168 palitos de picolé.

palitos retornam a outra produção, *Gostinho de infância* (figura 13) aproveita a volatilidade das peças, utilizando do recurso de montagem e das cores que o próprio objeto disponibiliza, contribuindo para as várias versões da obra¹⁰.

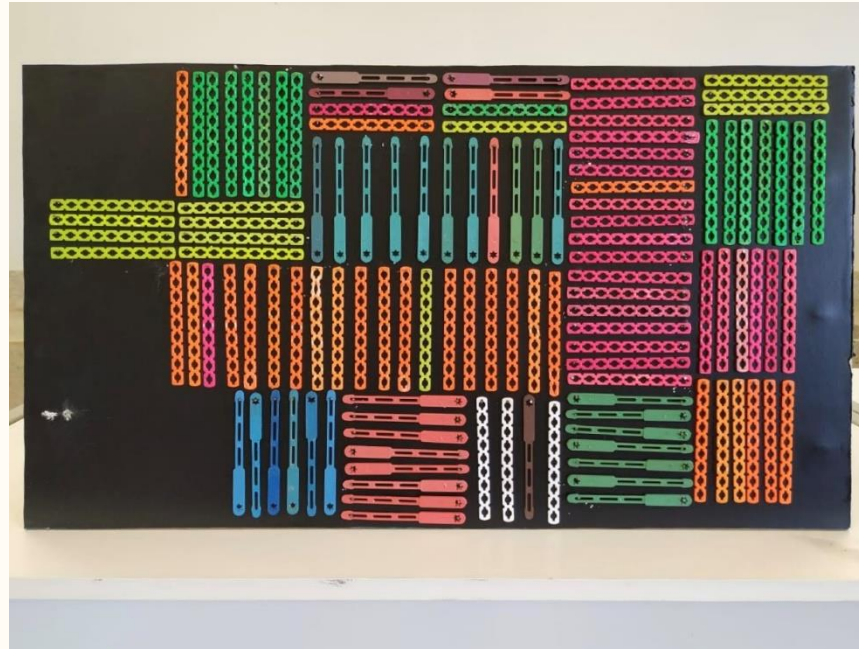


Figura 12. *De qualquer lugar*, 2019. Coleção particular de palitos de picolé, pregos e madeira. Dimensões variadas.
Fonte: acervo da artista.



Figura 13. *Gostinho de infância*, 2022. Coleção particular de palitos de picolé. Dimensões variadas.
Fonte: acervo da artista.

¹⁰ *De qualquer lugar* participou da exposição coletiva “entrelinha entreformas” realizada no ExpoLab/FAV – entre os dias 29 de agosto e 06 de setembro de 2019, e *Gostinho de Infância* participou da exposição “objeto-matéria”, também no ExpoLab/FAV – entre os dias 02 e 12 de agosto de 2022, com curadoria de Eliane Maria Chaud, ambas.

Essas obras trazem a materialidade da coleção de palitos como aspecto principal, escondendo a motivação afetiva ligada à infância, e esse não era o propósito. A ausência de algo foi exposta: o entrelaçamento entre a forma e o sentido, contrapondo-se a Paraguai (2019, p. 1968), no texto *Inventariar os cheiros: coleção como método de criação*, ao citar Baudrillard (2002) e afirmar que “na ação poética importam menos as referências culturais do objeto e sim as formulações dos artistas, que vão inferir outros modos de nomear, agrupar e categorizar”. Pelo contrário, “operando com o sensível na dimensão do arquivo, o artista produz uma visibilidade singular da mediação da subjetividade na cultura” (COSTA, 2011, p. 81).

Abandonando as coleções existentes, busquei operar em outros dispositivos da memória. Um fascínio de criança desencadeou o início de uma nova coleção: nomes de pessoas-monumento. Pego uma chavinha e abro as páginas do meu querido diário, não aquele que mamãe leu às escondidas, mas o que de tempos em tempos eu escrevo e abandono.

*Senta que lá vem a história...*¹¹

¹¹ Abertura de um quadro do programa infantil “Rá-Tim-Bum” produzido pela TV Cultura.



Goiânia, dia qualquer, escola/casa.

Voltando para casa o ônibus fazia o mesmo trajeto todos os dias. Passava pelo arco de concreto com as palavras “Residencial Vale dos Sonhos: valeu sonhar!” pintadas em tinta preta na entrada do setor – sempre achei que seria icônico se o arco fosse pintado como um arco-íris – subia a ladeira do antigo bananal e parava no primeiro ponto em frente a uma casa com o muro todo manchado da lama respingada, efeito da roda do ônibus sobre a água parada na rua. Do outro lado havia um muro amarelado com o nome da rua escrito em pichação: “R. Zumbi dos Palmares”. Com sete anos eu achava engraçado uma rua se chamar zumbi, principalmente porque não gostava deles, e por isso, durante um bom tempo, eu acreditava que não era verdade o nome da rua ser esse. “*Que brincadeira sem sentido!*” – pensava todas as vezes que o ônibus parava ali na volta para casa. Já um pouco mais velha, quando perguntavam à minha mãe o nosso endereço, meu semblante exalava satisfação ao escutar a resposta “*Rua Nelson Mandela, quadra...*”. Nelson Mandela. A mesma pessoa estudada tantas vezes em história no ensino fundamental. “*Legal, néh? Ele também era negro, igual a mim!*” – pensava.

Residencial Vale dos Sonhos. Rua Zumbi dos Palmares. Rua Nelson Mandela. Nomes fascinantes.

Goiânia, outubro de 19, fav/casa.

O tema do ensaio para a aula de fotografia¹² estava definido: cidade. Fiquei dias fugindo de ideias clichês, como fotografar os enormes prédios espelhados que queimavam – e ainda queimam – a cidade ou os grafites

¹² Disciplina de Fotografia (FAV0222), ministrada pelo prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva.

camuflados nas paredes descamadas e sujas da região central, mas sempre era atropelada por elas. Mais uma vez voltando para casa olhei pela janela do ônibus. O muro não era mais amarelado e a pichação havia sido apagada com tinta cinza. O nome desapareceu?! Não! Outros lugares possuíam esse nome: correspondências, contas, mapas, placa de endereço... “*É isso!*” – pensei com entusiasmo. Abri o *Maps*, tracei uma rota, peguei a câmera e subi na bicicleta. As placas dos endereços possuíam estes nomes e eu precisava deles, precisava coletá-los e incluí-los na enorme coleção de coisinhas que causam deleite na pequena Nathália.

Todo artista é um colecionador. Não um acumulador, há uma diferença: acumuladores colecionam indiscriminadamente, artistas colecionam seletivamente. Eles colecionam apenas coisas que realmente amam – Austin Kleon.

Residencial Vale dos Sonhos. Rua Capitão Carlos Lamarca. Rua Martin Luther King. Rua José Marcos Ferreira. Rua Paulo Freire. Rua Padre Francisco Kavazut. Rua Zumbi dos Palmares. Rua Frei Fiorello. Rua Nativo da Natividade. Rua Gina Louise. Rua Fábio Nasser. Rua Nelson Mandela. Nomes fascinantes.



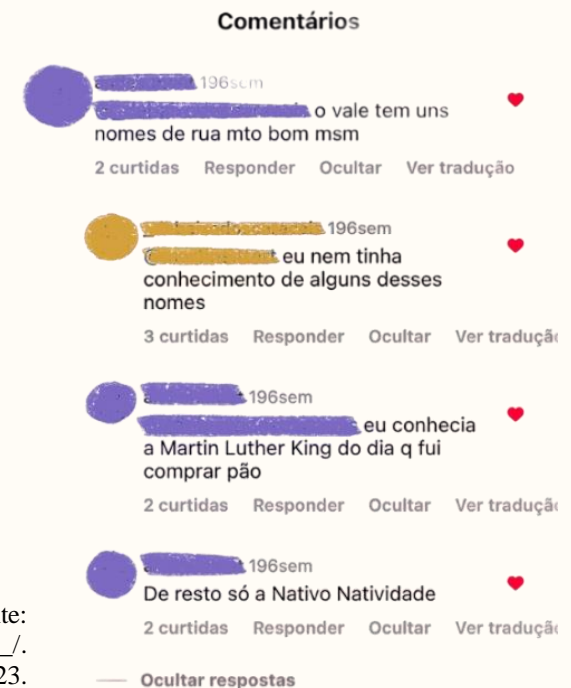
Figura 14. *Famosos desconhecidos*, 2019. Fotografia. 15 x 10 cm. Fonte: acervo da artista.

Nerópolis, maio de 23, casa.

O ensaio *Famosos desconhecidos* (Figura 14) teve um processo artístico diferente das outras produções mais recentes em fotografia. Sendo o primeiro realizado por mim, o planejamento detalhado e anotações sobre o processo no meu diário de bordo não foram traçados com grafite sobre papel pólen, mas as composições formadas entre as placas e os elementos ao redor formaram-se no momento do disparo da câmera, na relação direta entre a placa, a lente e o apertar do botão.

Vasculhando registros antigos na esperança de encontrar algo sobre essa produção, deparei-me com comentários feitos por dois moradores do setor (Figura 15) quando publiquei esse ensaio na rede social *Instagram*, em outubro de 2019. Por consequência do tempo, confesso que não recordava dessa pequena interação com o público, mas ao resgatar este momento guardado na *internet* foi possível lembrar alguns questionamentos da pequena Nathália e constatar que outras pessoas também acham esses nomes fascinantes.

Figura 15. Comentários em rede social, 2019. Fonte: https://www.instagram.com/p/B4BO2e3ngL_/. Acesso em: 22 maio 2023.



De objetos comuns a nomes das ruas do meu antigo endereço¹³. As motivações que me levam a colecionar nem sempre são pensadas meticulosamente, imagens bonitinhas foram suficientes para o conjunto de embalagens de doces tomar uma proporção desenfreada, porém o despertar dessa ação é análogo entre elas: o medo do esquecimento.

“A toda hora clicamos para ter uma imagem, uma lembrança. [...] O excesso de imagens para nos fazer lembrar mostra a ansiedade e o medo do esquecimento. Com os números de telefone guardados na agenda dos celulares, já não precisamos lembrar nem mesmo dos números das pessoas próximas. A cultura da memória é uma cultura do esquecimento, pois transfere todas as informações para os dispositivos de arquivamento” (COSTA, 2022, p. 84).

Cada objeto carrega uma lembrança. “*Esta carta foi escrita por tal pessoa quando descobri que mudaria de cidade*”, “*Este selo estava na embalagem da máquina de escrever que meu pai comprou para mim*”, “*Esta conchinha é da mesma praia que meu irmão foi queimado por uma água-viva*”, “*Esta mochilinha de estrela foi presente do meu aniversário de 4 anos. A festinha foi na sala de ciências da Escola Infantil Pollyanna*” (figura 16).



Figura 16. Festinha de aniversário de 4 anos, 2002.
Fonte: acervo da artista.

¹³ Em 2021 eu me casei e fui morar em Nerópolis (interior de Goiás), a cidade do doce. Voltei a morar em Goiânia em 2023.

CÁPSULA DO TEMPO

A caçadora de joaninhas se transformou em caçadora dos objetos perdidos da Pollyanna - perdidos considerando o sentido literal da palavra, tanto largados numa gaveta qualquer em casa, quanto no esquecimento de sua origem. Armários e caixas velhas foram revirados, e os primeiros itens da coleção foram encontrados – o hábito de guardar coisas contaminou todos de casa, até minha mãe que realiza uma limpeza geral em determinados meses do ano. *Sete objetos* foram catalogados, uns com mais informações precisas do que outros. Curioso pensar que alguns deles, até pouco tempo atrás, faziam parte do uso pessoal – como uma das presilhas que foi usada na apresentação de pré-banca dessa pesquisa.

Simultaneamente a essa procura os arquivos de família também foram consultados. Um bauzinho de palha comportava vários álbuns de fotografias há muito tempo não folheados. Alguns objetos foram associados a momentos registrados pela câmera analógica – como a mochilinha de estrela ganhada naquele aniversário de 4 anos. Outras lembranças encobertas pelo tempo ressurgiram e transbordaram pela boca em palavras. Ao longo de todo o processo da pesquisa, o uso do arquivo – o arquivo de artista, de família, e de terceiros – se revelou uma ferramenta crucial para o desenvolvimento da escrita e da prática artística. Costa declara que “tomar posse de material de arquivos, da memória individual ou institucional, é a estratégia pela qual Rennó problematiza mecanismos de identificação e de classificação. Traduzidas por processos de transferência de um contexto a outro, de um suporte a outro, as imagens provocam pequenos deslocamentos afetivos, estéticos e/ou políticos” (COSTA, 2022, p. 79). Diante disso, considero que o conceito de arquivo permeia o método de coleção, “na medida em que todo arquivamento pressupõe algum tipo de critério para selecionar e organizar os dados, que terminam por construir narrativas e constituir significados” (PARAGUAI, 2019, p. 1968).

Obtive mais descobertas durante a realização da entrevista e uma memória foi desbloqueada: após o falecimento do dono da escola, os novos proprietários decidiram fechá-la, com isso abriram todas as portas e autorizaram os/as funcionários/as

a pegarem o que quisessem – qualquer coisa mesmo. Os resultados desse garimpo incluíram vários materiais da sala de artes, lãs coloridas, utensílios de cozinha da cantina e livros da biblioteca. Adicionei *quatro novos itens* à coleção, um em especial, pois da lã amarela minha tia tricou um cachecol e me presenteou.

Manifestações foram lançadas ao universo e um retorno impulsionou a coleta. Em uma manhã qualquer, um reencontro inesperado. Meses depois, outro reencontro casual e uma troca de números de telefone. Em poucas semanas, o primeiro contato virtual. E outro. E mais outro. Dias depois, um evento comovente: a entrada no grupo de *Whatsapp* intitulado “Polly e Araguaia”. Mulheres, que até então só eram mencionadas nas histórias, estavam adicionando memórias à coleção, e dessa maneira outra descoberta veio à tona, um verdadeiro tesouro perdido no tempo: Pollyanna em revista. Um informativo trimestral gratuito com reportagens educativas, exposição de trabalhos feitos pelos alunos, divulgação de eventos e acontecimentos marcantes, recomendação de leitura e um espaço divertido, com charadas e palavras-cruzadas (figura 17) – fiquei entusiasmada ao descobrir que havia aparições minhas na revista. O envolvimento dessas mulheres no processo de desenvolvimento da pesquisa, ainda que de forma indireta, proporcionou a oportunidade de reparar laços que foram abruptamente rompidos pelo fechamento da escola, e criou “oscilações entre as esferas individual e coletiva à medida que teciam saberes e construía conhecimentos” (RODRIGUES, 2021, p. 110).

fa to curioso: folheando as revistas eu *descobri* que conheci o antônio poteiro



euzinha na revista :)

CARTOS E ERCARTOS

MPB
A história da riqueza musical do Brasil
Projeto da 3ª e 4ª Série

CECÍLIA MEIRELLES
Destaque à magia da leitura de Poemas
Projeto da 2ª Série

CORA CORALINA

"Através de sua história descobrimos a coragem e a força de uma mulher do século passado".
(...) "Coralina Coragem, Coralina Coração, Flor do Tempo, Força e Verdade."
(Rinaldo / Marcelo Barra)
Classe de Alfabetização

MONTEIRO LOBATO
Criou o primeiro parque editorial da América Latina e é o maior fenômeno da Literatura Infanto-Juvenil
Projeto do Jardim II - Jardim I e Maternal

TARSILIA DO AMARAL
Abaporu
- Releitura -
Alunos do Maternal à 4ª Série

PORTINARI
"Menina de trança e menino de Brodosqui"
Projeto do Maternal, Jardim I e Jardim II

Pollyanna em revista
INFORMATIVO SEMESTRAL
Nº 4 - JUNHO/2001
eipollyanna@bol.com.br

Projeto: "Eu Sou assim"
O Jardim I da Professora Renata e Professora Sílvia destacaram-se com o projeto "Trabalhando Meu Corpo".
Aluno: Lucas Januário de Souza
Professora Renata

Logomarca da escola
Os alunos da Classe de Alfabetização, da professora Patrícia, estudaram a logomarca da Escola e sua história, resultando em belas produções escritas.

Projeto: "As minhas Histórias"
A 1ª Série A - Profª Ana Maria e a B Profª Sônia - montou um livro autobiográfico traçando a rota do bebê da "barriga da mamãe" até o desenvolvimento hoje. Belo Trabalho!
Aluna: Jéssica B. de Castro 1ª Série A
Profª Ana Maria

Projeto: "Caminhos da Água"
Projeto: "Caminhos da água"
O livro "Sobe e Desce de Cristal e Fufura" contextualizou o estudo sobre a água. 2ª Série B da Profª Lucimar. Ilustradoras: Luiza Thomas Araújo, Ana Karolina de M. Costa e Bárbara R. Leitão.

ÍNDICE

- Inteligências Múltiplas ... 02
- Aconteceu na Escola ... 3
- Projetos em Destaque ... 4
- Momentos de Recreio ... 5
- Destques na Mídia 6
- Espaço Divertido 7

Figura 17. Pollyanna em revista, 2001. Fonte: acervo pessoal de uma ex-funcionária.

Onze objetos e incontáveis lembranças integravam a coleção. Antes de concluir as buscas, *mais dois itens* se manifestaram por intermédio de meu pai. Além do ato de colecionar, o gosto por produtos antigos também foi passado de pai para filha. Atualmente, o acervo do Zezinho, uma verdadeira cápsula do tempo, conta com embalagens de produtos, bicicletas, itens domésticos, eletrônicos, brinquedos, moedas, cartões telefônicos e um repertório musical incrível. “*Essas garrafinhas de refrigerante servem para o seu TCC? São daquela época!*” (Zezinho, 2023). Mesmo não sendo diretamente pertencentes à Pollyanna, elas adicionam significado ao contexto da coleção e despertam saudosismo ao recordar que esses produtos eram vendidos na cantina (figura 18).



Figura 18. Lanchinho na cantina após apresentação, 2004. Fonte: acervo da artista.



usava para ir a todos os cantos

nome: mochilinha de estrela

ano: 2002

nível de conservação: excelente

descrição: presente de aniversário dos meus 4 anos, cujo a festinha foi realizada no laboratório de ciências da pollyanna



nome: garrafa de grapette

ano: sem data

nível de conservação: rótulo e garrafa sujos

descrição: objeto dado pelo meu pai, adquirido na feira da marreta, muito conhecida por vender coisas velhas

meu preferido na época:)

Sim, escreveram meu nome era do rrs



nome: cd da "natalia"

ano: 2003

nível de conservação: o cd ainda funciona

descrição: a icônica frase "mamãe, você é a flor do meu jardim" surgiu dessa gravação (:



nome: quadrinho vovó maria

ano: 2003

nível de conservação: tinta desgastada

descrição: quadrinho feito pela professora de artes para as minhas avós e tias



nome: trãde das gostosuras

ano: sem data

nível de
conservação: ainda são usadas

descrição: o conjunto completo de
tijelinhas para sobremesas foi pego
pela minha tia quando a escola fechou



nome: cachecol

ano: 2007

nível de
conservação: uso quando faz frio,
ou seja, poucas vezes

descrição: tricotado pela minha
tia com a lã que tinha guardada
na sala de artes

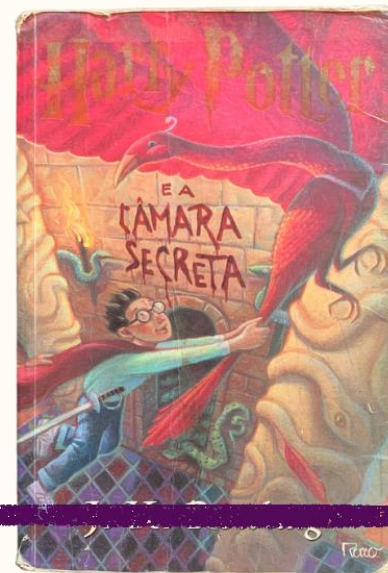


nome: presilhas juninas

ano: 2002

nível de
conservação: excelente

descrição: presilhas vendidas
durante as festas juninas da
escola. ps.: usei uma delas na
apresentação da pré-banca



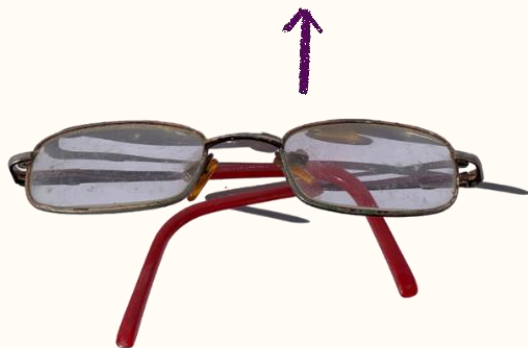
nome: livro da
autora-que-não-deve-ser-nomeada

ano: sem data

nível de
conservação: facilmente confundido
com um livro de sebo

descrição: retirado da biblioteca
da escola

Sai do consultório com 3,5 em cada lente



nome: óculos da pequena nathália

ano: 2004 - 2011

nível de
conservação: bem velhinho

descrição: foi quebrado várias vezes
no mesmo lugar, inclusive me
rendeu uma cicatriz na testa

eu vivia remendada quando criança, lembro de 7 machucados sérios



nome: garrafa de american cola

ano: sem data

nível de
conservação: rótulo e garrafa sujos

descrição: objeto dado pelo meu
pai, adquirido na feira da
marreta, muito conhecida por
vender coisas velhas

A pequena Polly emerge de todas essas operações e relações.

*Mas afinal, **quem é a pequena Polly?***

goiânia, 29 de dezembro de 2023

querida pollyanna,

como esquecer você? saber que tudo ficou no passado e que não há a mínima chance de tê-la diante de meus olhos é uma tortura sem fim. receber a notícia de seu desaparecimento deixou-me paralisada. evito pensar que não há mais nada seu naquele cantinho, nem mesmo as flores amarelas e rosas que você tanto amava. tanto tempo se passou desde a última vez que nos vimos, eu era apenas uma menininha dizendo "até logo" acreditando que nunca diria "adeus". vinte anos se passaram e ainda permanece inesquecível, talvez nenhum espaço de tempo seja suficiente para te esquecer. ando por novas ruas e o barulho das crianças brincando traz você de volta a mim e tudo parece como antes. consigo sentir o cheiro da calda de chocolate para o bolo de cenoura saindo da cantina, a fantasia do mickey me encarando da janela do andar de cima, a euforia antes de cada apresentação para os pais e a tristeza de não poder levar o livro da ninoca para casa. para onde você foi?

num destes momentos de melancolia percebi que estava sendo observada por uma criaturinha que logo se escondeu quando foi notada. durante meses esse breve e confuso contato ressoou em minha mente. sempre que seu nome era mencionado ela aparecia, tímida, mas intrigante. aos poucos ia se aproximando, mais e mais, e finalmente consegui descobrir quem era: a pequena polly. em tudo relacionado a você ela se fazia presente: nas lembranças, nas fotografias, em falas do passado, nos reencontros de antigas amigas, em objetos esquecidos, nas fabulações, em sonhos... a saudade me maltrata e a pequena está sempre ao meu lado, um reconforto em dias difíceis. para onde você foi?

lembro-me dos nossos momentos juntos com uma mistura de alegria e tristeza. as lembranças são como fotografias em minha mente, capturando momentos que agora só posso reviver na memória. pedi para que a pequena polly te encontrasse, há tantas coisas que quero lhe dizer. aquela menininha, eternamente fascinada pela sala de artes, tornou-se uma artista, e você é a musa. se ao menos estivesse aqui, veria que a sua ausência não é apenas sentida por mim, mas compartilhada por outros que, também, não encontraram maneiras de preencher o vazio que a sua partida deixou em nossas vidas. a presença da pequena polly encanta quem não te conheceu e nós clamamos: para onde você foi?

ainda me recuso a dizer "adeus", pois sua existência perdura em mim, nas relações com outras pessoas e agora na pequena polly. como posso viver nessa cidade sabendo que passar pelas ruas do centro não me levará até você? dias foram atropelados e o que restou de você? obras, objetos, palavras, escritos... um rastro de arco-íris deixada pela borboletinha. a pequena ainda está a sua procura e eu continuo sem saber para onde você foi. será que um dia irá voltar?

até logo,
na bastos <3

PARA ONDE VOCÊ FOI?

Você se foi, e o que restou? A presença da pequena Polly se manifesta na imaterialidade das vivências, lembranças e histórias de vida, individuais e/ou coletivas. Se revela na materialidade dos arquivos e da coleção. Surge dos relacionamentos que permaneceram intactos após o fatídico dia e nas relações restabelecidas. *Para onde você foi?* reúne **treze itens** catalogados e organizados em um móvel construído por meu pai. Confirmando a influência dos gabinetes de curiosidades na escolha da apresentação e, também, da coleção de terror de Guillermo del Toro (1964), que leva o mesmo nome. Nessa prática artística, os objetos “potencializam-se pelo agenciamento do sensível na medida em que organizam as memórias em materialidades, enquanto são deslocadas do circuito das atividades econômicas” (PARAGUAI, 2019, p. 1969). Crio inventariando o tempo.



Figura 19. *Para onde você foi?* 2024. Coleção de objetos. 71 x 58 cm. Fonte: acervo da artista.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta investigação pude ter um contato mais próximo e reflexivo sobre o que venho fazendo enquanto artista. Percorri vários caminhos ao longo dos últimos cinco anos, na tentativa de me encontrar nas artes. Essa descoberta não se limita a quais técnicas foram aprimoradas, mas também a temida poética. Dois fatores deram o *start* para compreender melhor o meu trabalho, antes do início dessa pesquisa: **i)** colocar no meu campo de visão todas as produções significantes – as feitas apenas com o objetivo de avaliação não se encaixam nesse grupo, e **ii)** os encontros do NuPAA (figura 20). Apesar do curto período, as revelações sobre mim, como artista, e sobre o meu fazer foram significativas.



Figura 20. Registro do encontro do NuPAA no dia 15 mai. 2023. Fonte: Manoela dos Anjos.

Em meio a encontros e leituras consegui situar e fortalecer minhas práticas artísticas na dimensão autobiográfica, possibilitando abraçar as características do meu fazer artístico com maior entendimento e consciência, como o uso das vivências, experiências, histórias de vida e arquivos. Isso me permitiu, também, incorporar a escrita de diário e a correspondência – hábitos antigos – tanto na criação textual quanto na criação visual, o que antes eu não achava possível.

Como dito anteriormente, colecionar tornou-se uma ação intrínseca a mim, e compreender que o exercício da coleção como método processual de criação permitiu-me não só aprimorar meu conhecimento – no momento ainda breve, como ampliou as possibilidades que a poética de inventariar o tempo opera na arte contemporânea.

A minha prática colecionista, intrinsecamente ligada à memória, emergiu como fio condutor na narrativa desse trabalho. Essa conexão profunda com o ato de colecionar não é apenas uma manifestação de nostalgia, mas uma porta de entrada para uma consciência crítica sobre a importância de uma prática artística que se nutre das memórias compartilhadas como matéria prima para o corpo da obra. Essa abordagem desencadeou camadas poéticas, éticas e políticas que permearam a coleção, tornando-a mais do que um amontoado de objetos, mas um repositório de experiências entrelaçadas, carregadas de significados submersos. As narrativas convergem e se entrelaçam, formando um diálogo coletivo que transcende o pessoal e se torna uma expressão coletiva de memória e identidade.

“É pesquisa para uma vida inteira.” – Manoela dos Anjos

Esses aspectos não apenas integram minha pesquisa e prática, mas também permeiam minha existência, pois “pesquisas dessa natureza têm tocado os desejos mais profundos de suas pesquisadoras, desejos de re/aprender a ver, fazer, estar, ser e sentir no mundo, abrindo espaços para imaginar outros futuros” (RODRIGUES, 2021, p. 124). A rememoração revelou uma verdade tão evidente, mas só tomei consciência dela durante o processo de pesquisa: toda a trajetória de minha mãe e minha tia contribuíram para a Escola Infantil Pollyanna tornar-se memorável – para mim. A mera condição de aluna não seria capaz de marcar profundamente minha mente e me fazer reviver o passado até em sonhos.

Quem é a pequena Polly? Sou eu. É você, leitor, que foi tocado por recordações de uma infância que não lhe pertence, com a qual se identificou – ou desejou. São as pessoas cujas vidas foram entrelaçadas com a escola. São minha tia e minha mãe, que trilharam seus caminhos através das experiências vividas lá. São as histórias contadas incansavelmente, os objetos encontrados, os retalhos costurados de memórias coletivas. A pequena Polly é uma coleção de todos nós.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988. 205 p.
- CONHEÇA O CEP. **Comitê de Ética em Pesquisa**, 2021. Disponível em: <https://cep.prpi.ufg.br/p/38807-conheca-o-cep>. Acesso em: 07, dez. 2023.
- COSTA, L. **A poética da memória e o efeito-arquivo no trabalho de Leila Danziger**. Arte e Ensaio número 19, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/50815/27561>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- COSTA, L. C. da. **O artista an-arquivista: os dispositivos de coleção na arte contemporânea**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, [S. l.], v. 18, n. 30, 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.29623. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/29623>. Acesso em 20 jun. 2023.
- FALLER, Heike. **Cem: o que aprendemos na vida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. 208 p.
- FREITAS, Elisa. **Primeiras memórias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: DODO Publicações, 2017. 40 p.
- KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- PARAGUAI, Luisa. **Inventariar os cheiros: coleção como método de criação**, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1966- 1979. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____PARAGUAI_Luisa_1966-1979.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Pesquisa Autobiográfica em Arte: apontamentos iniciais**. Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens, vol. 6, nº 1, p. 95 - 130, 1º semestre, 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ANEXOS

- I. Parecer Consubstanciado do CEP;
- II. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PEQUENA POLLY: COLECIONANDO MEMÓRIAS

Pesquisador: Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70795523.2.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Artes Visuais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.283.826

Apresentação do Projeto:

Este parecer analisa o projeto de pesquisa intitulado PEQUENA POLLY: COLECIONANDO MEMÓRIAS, coordenado pela pesquisadora Nathália Batista Bastos, discente da graduação do Bacharelado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Trata-se de uma pesquisa autobiográfica em arte, de cunho qualitativo, incorporando entrevistas e pesquisa em arquivos pessoais, com foco numa escola infantil goianiense na qual a pesquisadora estudou quando criança e que já não existe mais, com a previsão de produção de obras artísticas a partir das memórias suscitadas ao longo da pesquisa com três participantes, todos membros da família da pesquisadora e frequentadoras da escola como funcionárias desta. A amostragem da pesquisa contará com 03 participantes.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora apresenta como objetivo primário: "Criar uma coleção de memórias sobre trajetos, lugares, pessoas e objetos ligados à Escola Infantil Pollyanna para, em seguida, incorporá-la a processos de criação que confirmem materialidade à Escola através de um conjunto de obras artísticas em diversas linguagens das artes visuais". E como objetivos secundários, propõe: "Investigar a prática colecionista ligada à memória e narrativas de vida no fazer artístico contemporâneo, especialmente quando relacionados com a prática do artista an-arquivista".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisador considera que os riscos envolvem possível desconforto e/ou constrangimento pela

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Continuação do Parecer: 6.283.826

rememoração na visualização do acerto familiar relativo à escola, como objetos e registros imagéticos, mas enfatiza que ficará atenta e se compromete a resolver estes riscos mínimos. Quanto aos benefícios, a pesquisadora supõe que a criação de conteúdos artísticos relativos ao legado da escola suscita uma discussão da importância do registro como forma de visibilidade artística de um conteúdo afetivo, dotado de significado também reflexivo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia proposta é a pesquisa qualitativa, autobiográfica e com foco na entrevista de três outros participantes. O referencial teórico e a bibliografia apresentam autores que se vinculam diretamente ao objeto estudado. O cronograma apresentado contempla, no geral, os prazos exigidos por esse Comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta todos os termos solicitados, exigidos para a avaliação e aprovação deste Comitê.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto acima, este parecer considera o presente projeto aprovado, Salvo Melhor Juízo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Substanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para fevereiro de 2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	23/06/2023		Aceito

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-2045 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 6.283.826

Básicas do Projeto	ETO_2158503.pdf	21:11:42		Aceito
Outros	PendenciasAtendidas_23JUN2023.pdf	23/06/2023 21:10:12	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PreProjetoPesquisa_23JUN2023.pdf	23/06/2023 21:09:27	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito
Outros	ROTEIRO_BASE_ENTREVISTA.pdf	22/06/2023 15:37:52	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_466_510_atualiza do2021_assinado_assinado.pdf	22/06/2023 15:01:57	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NathaliaBastos_PequenaPolly.pdf	21/06/2023 21:02:35	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_TCC_NathaliaBastos_AV B_FAV_assinado.pdf	21/06/2023 20:59:57	Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 05 de Setembro de 2023

Assinado por:

Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambaia, Edifício K2, sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-2045 E-mail: cep.prpi@ufg.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
GRUPO ESPECÍFICO DESTE TERMO: FAMILIARES

Titulo do projeto: PEQUENA POLLY: COLECIONANDO MEMÓRIAS

Pesquisadora: Nathália Batista Bastos
RG: 6377250 | Telefone: +55 (62) 9 9343-5337 | E-mail: bastos.nbb@hotmail.com ou nbastos@discente.ufg.br

Pesquisadora Responsável (orientadora): Professora Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **PEQUENA POLLY: COLECIONANDO MEMÓRIAS**. Este projeto faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

O projeto terá base na prática artística, de modo que, o objetivo será realizar uma coleção de obras artísticas que trazem de volta a Escola Infantil Pollyanna para o plano real, a fim de corporizar essas memórias (de trajetos, lugares, pessoas e objetos perdidos) e, talvez, livrá-la do esquecimento.

Sua participação irá ocorrer por meio da **autorização do uso de registros** (fotografias e vídeos) **em que apareçam a sua imagem e objetos guardados**, sejam estes registros antigos e/ou que venham a ser desenvolvidos pela pesquisadora responsável durante a pesquisa com o seu consentimento prévio. Assim como a autorização para a citação do seu primeiro nome e a relação que tenha com a pesquisadora (mãe, pai e tia).

Sua participação será direta, ou seja, você também será **entrevistada(o)**. Desde modo é importante ressaltar que neste termo também desejo sua autorização para gravar estas entrevistas, além de citar e relatar algumas de suas falas feitas durante nossa convivência que possam vir a contribuir para a pesquisa proposta. Estes relatos, caso sejam autorizados, resguardam os direitos **da sua leitura e autorização das transcrições antes da entrega final do trabalho**, para que não haja interpretações erradas e palavras mal colocadas em seu nome. **A utilização desses registros e relatos será para a ilustração de histórias contadas e/ou como ponto de partida para a criação através de elementos visuais/materiais na produção artística que proponho neste trabalho de conclusão de curso.**

Será garantido o sigilo das suas informações específicas pessoais que não concordar com a utilização e divulgação, podendo inclusive, se manter em anonimato caso preferir que seu nome não seja divulgado. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Esta pesquisa envolve riscos mínimos como preocupação com a divulgação das informações coletadas nas entrevistas, dos objetos e das imagens presentes nos arquivos da família, causando desconforto e constrangimento em relação às informações que envolvem ou retratam a sua pessoa. **Você é livre para pedir a exclusão** de qualquer parte do trabalho

1 de 4

Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia - Prédio da Reitoria. CEP 74690-900 Goiânia - Goiás - Brasil.
Fone: +55 (62) 3521.1000 | Pesquisadora: Nathália Batista Bastos | Matrícula: 201900930

caso não concorde com o conteúdo final relacionado a você. A pesquisa será feita **com muita responsabilidade e orientação a fim de evitar esses riscos**, porém, **caso ocorram**, será feito o acompanhamento e encaminhamento da situação através da **comunicação plena e acessível entre nós, para que você tenha autonomia de escolha e possamos solucionar** o problema sempre respeitando os direitos civis, sociais e culturais de cada um. Em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, **você não será penalizada(o) de forma alguma**. E em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Os benefícios desta pesquisa envolvem:

- Interação significativa com parte da família ao rememorar essa época importante, gerando momentos de conexão e compartilhamento de vivências;
- Registro e documentação de parte da história da família;
- Registro e memória da Escola Infantil Pollyanna (fechada anos atrás).

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo e-mail **bastos.nbb@hotmail.com** ou **nbastos@discente.ufg.br** e, através do telefone **+55 62 9 9343-5337**, inclusive com possibilidade de envio de mensagens no aplicativo WhatsApp a qualquer momento. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

Todo material desta pesquisa ficará sob guarda da pesquisadora responsável por um período mínimo de cinco anos. Os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

2 de 4

Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia - Prédio da Reitoria. CEP 74690-900 Goiânia - Goiás - Brasil.
Fone: +55 (62) 3521.1000 | Pesquisadora: Nathália Batista Bastos | Matrícula: 201900930

Sendo assim, assinale abaixo:

CONSENTIMENTO	SIM	NÃO
Aceito participar do projeto e compreendo que essa participação é voluntária e que sou livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem me justificar e sem sofrer qualquer consequência.		
Compreendo que a pesquisa não possui fins lucrativos, tendo todas as despesas do projeto custeadas pela pesquisadora, sendo minha participação voluntária e não tendo qualquer pagamento ou recebimento por minha participação.		
Permito que meu nome seja revelado no texto do TCC, bem como em textos, artigos e demais publicações relacionadas com essa pesquisa.		
Autorizo o uso de fotografias e/ou registros em vídeo do arquivo pessoal nos quais constam a minha imagem ou parte dela na pesquisa.		
Autorizo participar de entrevistas e gravação destas.		
Autorizo a citação, relato e utilização de falas feitas por mim durante a convivência com a pesquisadora que possam vir a contribuir para a pesquisa desde que resguardado o meu direito de ler e aprovar as transcrições antes da finalização do TCC.		
Autorizo a citação do meu nome na pesquisa e a indicação da relação que eu tenho com a pesquisadora (mãe, pai e tia).		
Autorizo o registro da minha imagem sob minha compreensão e consentimento prévio de sua utilização na pesquisa.		
Autorizo o registro e uso de imagens de objetos que compõem meu arquivo e acervo pessoal.		
Permito que esses dados sejam utilizados em pesquisas futuras.		

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, _____, RG nº....., declaro ter lido os termos acima e concordo em participar do estudo intitulado **PEQUENA POLLY: COLECIONANDO MEMÓRIAS**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora **Nathália Batista Bastos** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a)

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável